

Ana Lúcia Guimarães | manoel.grodrigues@gmail.com

Doutora em Ciências Humanas pelo PPGSA da UFRJ, Professora de Sociologia FAETEC, atualmente ocupando a função de Coordenação de Projetos e Eventos na Coordenação do CETEP-Quintino- FAETEC; Pesquisadora PIBIC/UNISUAM, Professora da Educação Superior na UNISUAM e Faculdades São José. Diretora do SINPRO-RIO; Coordenadora da Comissão de Gênero e Etnia do SINPRO-RIO; Membro da Comissão de Educação Superior do SINPRO-RIO.

RESUMO

A pesquisa ora apresentada tem como objetivo refletir a contribuição das ciências sociais para o desenvolvimento de futuros pesquisadores no campo das investigações sociais. Desta maneira, o pesquisador pode se tornar mais esclarecido no que se refere ao processo de análises interpretativistas na pesquisa.

Palavras-Chave: Antropologia, pesquisa social e cultura.

ABSTRACT

The piece of research aimed to reflect the contribution of the social sciences for the development to the future researcher in order to social investigations. In this way, the researcher hoped to become more aware in respect to reach interpretative analysis and conclusions.

Keywords: Anthropology, social research and culture.

Este artigo faz um resgate de importantes pontos levados que devem ser levados em consideração no caso construção de propostas e projetos de pesquisa que apresentem temáticas voltadas para o campo das Ciências Humanas.

Partindo do ponto de que trabalhamos com um olhar sócio-antropológico, não poderíamos deixar de destacar que o mesmo norteará nossas incursões sobre pesquisa social, mais especificamente, nos situamos no campo da Antropologia.

Assim, podemos dizer que ao escolher tratar de objetos tão reais e tão inclusos em nossa realidade cotidiana, verificamos o movimento sugerido por Da Matta (1987)¹ quando nos indica que o ofício da Antropologia passa pelo movimento intelectual de transformar o familiar em exótico e o exótico em familiar. Dessa forma, já deixamos nossa valoração para como o pesquisador deve prestar muita atenção nos princípios de abordagem do objeto a ser investigado e mesmo na sua própria postura para fazê-lo.

¹ DA MATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*, RJ, Rocco, 1987.

Para Geertz (1980)², a Antropologia é encarada como uma ciência interpretativa em busca de significados. A atividade do antropólogo é interpretar, ele faz sempre etnografia. Cada texto é uma interpretação. A cultura são formas de ações significativas, simbólicas. A cultura está oculta na mente dos homens e se expressa em suas ações, ele é notória. Está expressa nas relações sociais de um grupo.

As ações são produzidas, percebidas e interpretadas fazendo-se uma descrição densa, que é a etnografia. O que Geertz (1980) busca é a teia de significados em cada sociedade. É preciso aprender o que é comum, banal, naquela sociedade, para isso, ele afirma que não é preciso se tornar um “nativo”, mas, sim, estar situado, familiarizado com o cotidiano da tribo a ser estudada. Assim, ele utilizará na construção do texto, conceitos próximos da experiência, que são aqueles nos quais se encontram as observações e interpretações, feitas pelo próprio antropólogo ao ter contato com os membros do grupo, e conceitos distantes da experiência, que são aqueles já trabalhados pelo antropólogo, pois para estudar tal sociedade, ele terá que fazer uso da interpretação de outros antropólogos que outrora já estudaram aquela sociedade, ou seja, precisará ter um certo conhecimento acerca do assunto.

O ATO DE PESQUISAR: A TEIA DE SIGNIFICADOS E A PESQUISA DE CAMPO

Para iniciarmos nossa reflexão sobre pesquisa é necessário entender o valor que esta expressão tem para aqueles que desejam ampliar seu leque de conhecimentos sobre o mundo. O ser humano é curioso naturalmente, deseja saber, conhecer, entender, interpretar e constatar para poder identificar a razão de ser das coisas que existem no mundo. Portanto, o ato de pesquisar está diretamente ligado ao universo do prazer e desejo de conhecer o que não é revelado de imediato.

A pesquisa nos faz entender que o mundo em que vivemos não é só aquele que estamos acostumados no dia a dia, que recebemos informações e orientações dadas pela rotina dos grupos que encontramos e nos inserimos em nossa rotina diária. Pesquisar é, portanto, mergulhar em novas expectativas de conhecer os fenômenos que nos envolvem a cada momento diferenciado na busca pelas certezas que nos asseguram segurança e satisfação para continuarmos forjando o nosso futuro.

Nesse sentido, estar pesquisando é estar descobrindo, é estar vivenciando o novo. Dito desta forma, esse sentido do que é pesquisar é o mais amplo possível para nossa compreensão, o que nos interessa então é identificar qual o valor dele para nosso conhecimento acadêmico, nossa formação estudantil.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Geertz (1980), acreditamos que a cientificidade está em um antropólogo e mesmo, pesquisador, reconhecer que fez uma interpretação e produzir outro texto em cima de outros textos. Dessa forma, o antropólogo ou pesquisador deve ver o que as pessoas fazem e o que elas pensam que estão fazendo, e descobrir os significados.

Como o autor mencionado nos demonstra que enquanto pesquisadores interessados em descobrir e entender culturas devemos estar preocupados com as variantes, a dinâmica da cultura, e não, com o seu padrão universal. Em suma, o que o autor propõe é que se perceba a teia de significados a partir da ação do indivíduo. Dessa forma, derivamos que o pesquisador tanto quanto o antropólogo estuda cultura, sem buscar princípios universais e sim, significados.

PESQUISA ACADÊMICA E SATISFAÇÃO SOCIAL

Se uma pesquisa acadêmica pode ser entendida como sofisticação de técnicas, recursos, métodos e teorias, nada disso nos faz gostar e querer trabalhar com pesquisa científica, pois esta visão do que vem a ser pesquisa científica faz com que os alunos percebam o quanto é complicado fazer pesquisa e muitas vezes se decepcionam ou se afastam mesmo dessa iniciativa. A verdade é que com a vontade de saber mais sobre algo, orientação correta sobre os caminhos metodológicos e bibliográficos necessários para essa descoberta,

² GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1980.

todos pode contribuir socialmente e satisfazer-se individualmente com a possibilidade de pesquisar cientificamente. Destacamos aqui que quem quer conhecer logo é identificado como sujeito da pesquisa, pesquisador e quem vão ser conhecidos, passa a ser o objeto da pesquisa, o pesquisado.

Neste debate, então, vamos procurar reverter a noção de pesquisa como algo exaustivo, desapaixonante, apenas sistemático e complexo. Vamos ficar com o sentido da pesquisa científica que pode levar a resultados positivos para todos os envolvidos no processo de trabalho.

Assim, a primeira questão a ser trabalhada é: **O que vou fazer? O que quero conhecer mais? De quanto tempo disponho para fazer?**

A resposta a essa questão é o início do ato de pesquisar. Ela pode sugerir algo que venha de suas observações comuns diárias ou de observações e reflexões as quais se chegou pela condução de uma aula freqüentada, uma experiência pessoal desenvolvida em contraposição a realidade existente, um programa de televisão assistido, um assunto que surgiu na leitura de um livro, às vezes até de uma conversa informal com um colega, um vizinho, um professor, uma pessoa que tivemos contato primário ou secundário. De onde vem a pergunta é importante porque ao tentar respondê-la desenvolvendo a pesquisa, você estará criando um sentido para buscar aquele conhecimento, que pode e deve influenciar a comunidade de onde nasceu essa idéia de investigação, pois de alguma forma, você faz parte dela.

Iniciar uma pesquisa científica demanda observação, necessidade, iniciativa, disponibilidade, perseverança, compreensão e persistência. Valores fundamentais que somam com a intensa vontade de “descobrir o novo” a partir de um processo de profunda experimentação e reflexão constante.

Segundo Clifford (1998)³, ao fim do século XIX, nada garantia, a priori, a status do etnógrafo como o melhor intérprete da vida nativa- em oposição ao viajante, e especialmente ao missionário e ao administrador, alguns dos quais haviam estado no campo por muito mais tempo e possuíam melhores contatos e mais habilidade na língua nativa.

Os novos pesquisadores de campo se distinguiam nitidamente dos anteriores “men on the spot” - o missionário, o administrador, o comerciante e o viajante – cujo conhecimento do povo indígena argumentavam, não estava informado pelas melhores hipóteses científicas ou por uma suficiente neutralidade. (Clifford, *ibidem*)

PESQUISA ANTROPOLÓGICA, TRADIÇÕES E PRODUÇÃO DE RESULTADOS.

Na década de 20, para as grandes tradições de pesquisadores sociais, Malinowski (1963)⁴ nos traz imagem do novo “antropólogo”: acorrendo-se junto à fogueira; olhando, ouvindo e perguntando; registrando e interpretando a vida trobriandesa, o novo teórico-pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia, uma descrição cultural sintética baseada na observação participante. (Clifford, *ibidem*)

O etnógrafo profissional era treinado nas mais modernas técnicas analíticas e modos de explicação científica. Isto lhe conferia, no campo, uma vantagem sobre os amadores: o profissional podia afirmar ter acesso ao cerne de uma cultura mais rapidamente, ao entender suas instituições e estruturas essenciais. (Clifford, *ibidem*)

³ Clifford, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. RJ, Ed. UFRJ, 1998

⁴ MALINOWSKI, Bronislaw. *Les Argonautes du Pacifique Occidental*, Paris, Gallimard, 1963.

O que Clifford está chamando a atenção é que no momento em que se legitima a *persona*⁵ do pesquisador de campo, momento este em que se definem as próprias normas do que seria fazer um trabalho etnográfico, vai existir também uma preocupação em construir um texto como resultado da pesquisa, que garanta a maior fidedignidade possível dos dados coletados no campo.

A AUTORIDADE DO PESQUISADOR FRENTE AOS DADOS DO CAMPO.

Todo este trabalho nos leva então a reflexão do campo da autoridade etnográfica: qual a melhor maneira de apresentar os dados da pesquisa sob a forma escrita que garanta ao leitor uma aproximação mais específica com o grupo que foi estudado? Como demonstrar isso levando-se também em consideração a legitimidade científica que o trabalho pretende? São questões que já foram cogitadas pelos pesquisadores responsáveis pela própria delimitação do que vem a ser o trabalho do antropólogo.

Como vimos Malinowski (1963), por exemplo, ao definir a *persona* do pesquisador de campo como aquele que faz uma verdadeira imersão sobre seu objeto de análise está nos mostrando que o investigador que adota tal postura está realmente afirmando que conhece o grupo, por isso seu trabalho é legítimo. Passemos um pouco mais a conhecer tais idéias malinowskianas a partir da leitura de sua obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, datada de 1922.

Com esta obra, Malinowski (1963) dominou incontestavelmente a cena antropológica até sua morte, em 1942. Coloca-se que teria sido o primeiro a conduzir cientificamente uma experiência etnográfica, isto é, aquele que pioneiramente começou a viver com as populações que estudava e a recolher seus materiais de seus idiomas, radicalizou essa compreensão por dentro, e para isso, procurou romper ao máximo os contatos com o mundo europeu. Ele se esforçou em penetrar tanto, no decorrer de duas estadias sucessivas nas ilhas Tobriand, na mentalidade dos outros, e em compreender de dentro, por uma verdadeira busca de despersonalização, o que sentem os homens e as mulheres que pertencem a uma cultura que não é nossa. O autor considera que se deve mostrar que a partir de um único costume, ou mesmo de um único objeto (por exemplo, a canoa trobriandesa) aparentemente muito simples, aparece o perfil do conjunto de uma sociedade.

Com Malinowski (1963), a Antropologia se torna a ciência da alteridade que não mais se volta para a reconstituição das origens da civilização, e passa a se dedicar ao estudo das lógicas particulares características de cada cultura. Em *Os Argonautas*, ele demonstra que os costumes dos trobriandeses, diferentes dos nossos, têm uma significação e uma coerência. São sistemas lógicos perfeitamente elaborados. Para pensar essa coerência interna, ele elabora a teoria do funcionalismo que está pautada no modelo das ciências da natureza: o indivíduo sente certo número de necessidades, e cada cultura tem precisamente como função a de satisfazer à sua maneira essas necessidades fundamentais. Cada uma realiza isso elaborando instituições sejam elas de ordem política, econômica, jurídica, educativa entre outras, que vão fornecendo respostas coletivas organizadas, que constituem cada uma a seu modo, soluções originais que permitem atender a essas necessidades.

Uma outra característica do pensamento malinowskiano presente sua obra vem a ser uma preocupação em fazer um estudo interdisciplinar, ou seja, parece estar buscando uma articulação do social, do psicológico e do biológico, o que certamente está relacionado com o seu pensamento funcionalista, uma sociedade funcionando como um organismo, as relações biológicas devem ser levadas em consideração para pensar as relações sociais. Além disso, ele coloca que uma verdadeira ciência da sociedade deve considerar também o estudo das motivações psicológicas, dos comportamentos, o estudo dos sonhos e desejos dos indivíduos. Exatamente sobre esse ponto observamos um pouco de sua teoria: a observação participante como método

⁵ Termo utilizado por James Clifford para definir o pesquisador de campo, ou seja, o que marca realmente quem é o etnógrafo, quais os traços aparentes e comportamentais que o definem enquanto tal. Clifford, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. RJ, Ed. UFRJ, 1998.

da análise do social, faz com que ele acredite que pode reviver nele próprio, os sentimentos dos outros, ou seja o pesquisador tem uma participação psicológica constante, pois “deve compreender e compartilhar os sentimentos do outro, interiorizando suas reações emotivas”.

Compreendendo que o único modo de conhecimento em profundidade dos outros é a participação na sua existência, ele foi o primeiro a pôr em prática a observação participante, já aqui mencionada, segundo ele, o estudo de uma sociedade que nos é estranha deve ser realizado com nossa total imersão em seu cotidiano. O essencial aqui na perspectiva do pesquisador é perceber que o olhar uma cultura de perto, a partir do trabalho de campo é tão rico em informações quanto questionar informadores.

Malinowski (1963) assim deixa nos seu legado para a pesquisa social, presente nesta clássica obra, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, que sinaliza para uma busca em alcançar o homem em todas as suas dimensões: é preciso dedicar-se à observação de fatos sociais, ainda que estes possam parecer minúsculos e insignificantes, cuja significação só pode ser encontrada nas suas posições respectivas no interior de uma sociedade mais ampla. Dessa forma, as canoas trobriandesas são descritas em relação ao grupo que as fabrica e utiliza, ao ritual mágico que as consagra, às regulamentações que definem sua posse. Algumas transportando de ilha em ilha colares de conchas vermelhas, outras pulseiras de conchas brancas, efetuando em sentido contrários percursos invariáveis, passando necessariamente de novo por seu local de origem, o autor mostra ainda que estamos frente a um processo de troca generalizado, que nos permite encontrar não somente significados de ordem econômica, mas de ordem política, mágica, religiosa e estética do grupo.

Quando propõe uma imersão no cotidiano do grupo, Malinowski (1963) estava na verdade, sugerindo uma convivência profunda entre pesquisador e pesquisado, pra que haja uma interiorização das categorias do grupo pelo pesquisador.

Tais referências nos trazem na atualidade o pensamento de Goldenberg (1997)⁶, que aponta para o fato de se ter uma convivência profunda como grupo estudado pode contribuir para que o pesquisador “naturalize” determinadas práticas e comportamentos que deveria “estranhar” para compreender. Esse é um ponto delicado que hoje no fazer etnográfico deve ser observado com cautela. O pesquisador precisa guardar certo grau de estranheza de seu objeto a ser estudado com o propósito de assegurar a validade científica de seu objeto.

CONCLUSÃO

Segundo Clifford (1998), a antropologia interpretativista, que se desenvolve a partir da década de 70, desmistifica muito do que anteriormente passara em questionamento na construção de narrativas, tipos, observações e descrições etnográficas. Ela contribui para uma crescente visibilidade dos processos criativos (e, num sentido amplo, poéticos) pelo quais objetos “culturais” são inventados e tratados como significativos. O que está suposto no ato de se olhar a cultura como um conjunto de textos a serem interpretados?

Com Geertz (1980), a “textualização” é entendida como um pré-requisito para a interpretação. Um modo familiar de autoridade é gerado a partir da afirmação de que e estão representando mundo diferentes e significativos. A etnografia é a interpretação das culturas. (Clifford, 1998)

Em última análise, o etnógrafo sempre vai embora, levando com ele textos para posterior interpretação (e entre estes “textos” que são levados podemos incluir as memórias – eventos padronizado, simplificados, retirado do contexto imediato para serem interpretados numa construção e num retrato posteriores. Assim, o etnógrafo aparece como um crítico literário aquele que apresenta os autores da cultura estudada como “sujeitos absolutos”. Ocorre a exclusão dos informantes das etnografias legítimas, “excluem-se” os aspectos dialógicos da interpretação etnográfica. Então, se propõe a concepção de uma Antropologia como uma

⁶ Goldenberg, Mirian. *A Arte de Pesquisar: Como fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. RJ, Record, 1997, p.p 45.

negociação construtiva envolvendo pelo menos dois , muitas vezes mais sujeitos consciente e politicamente significativos.(Clifford, ibidem)

O que podemos perceber é que Geertz (1980)⁷, já aqui referido, não está mais tão preocupado em dizer que conhece tão profundamente o “outro” só porque “mergulhou” no cotidiano de sua vida social. O que ele quer mostrar é como o antropólogo pode realizar um trabalho que mostre o conhecimento de que ele não vai jamais sentir, pensar e perceber o mundo como o nativo a ser investigado o faz, mas sim que sua análise indicará “com que”, “por meios de que” ou “através de que” os outros percebem.

Também Geertz (1980) nos dá esse caminho, pois de acordo com sua leitura, observamos que o antropólogo tem que pesquisar, analisar palavras, instituições, comportamentos, símbolos os quais as pessoas se representam para si mesmas e para os outros.

Para concluir esse trabalho, penso que parece que o pesquisador hoje precisa assumir seus avanços e seus limites de investigação, e terminar de vez com a idéia de que produz algo extremamente objetivo, buscando cada vez mais a *objetivação*⁸, esforço controlado de conter a subjetividade, e percebendo que cada vez mais nosso trabalho está pautado em uma negociação constante entre o “eu” e o “outro”, o “sujeito” e o “objeto”, o pesquisado e o pesquisador; o diálogo entre categorias do pesquisador e categorias “nativas”. Tal negociação é que vai trazer o resultado final do trabalho de pesquisa: a escrita etnográfica, e daí seu reconhecimento científico dentro do qual o estudo se propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*.RJ, Ed. UFRJ, 1998

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*, RJ,Rocco, 1987.

GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1980.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar: Como fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*.RJ, Record, 1997

MALINOWSKI, Bronislaw. *Les Argonautes du Pacifique Occidental*, Paris, Gallimard, 1963.

⁷ Geertz, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1980.

⁸ Goldenberg faz menção a esse conceito de Bourdieu. Goldenberg, Mirian. *A Arte de Pesquisar: Como fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*.RJ, Record, 1997, p.p